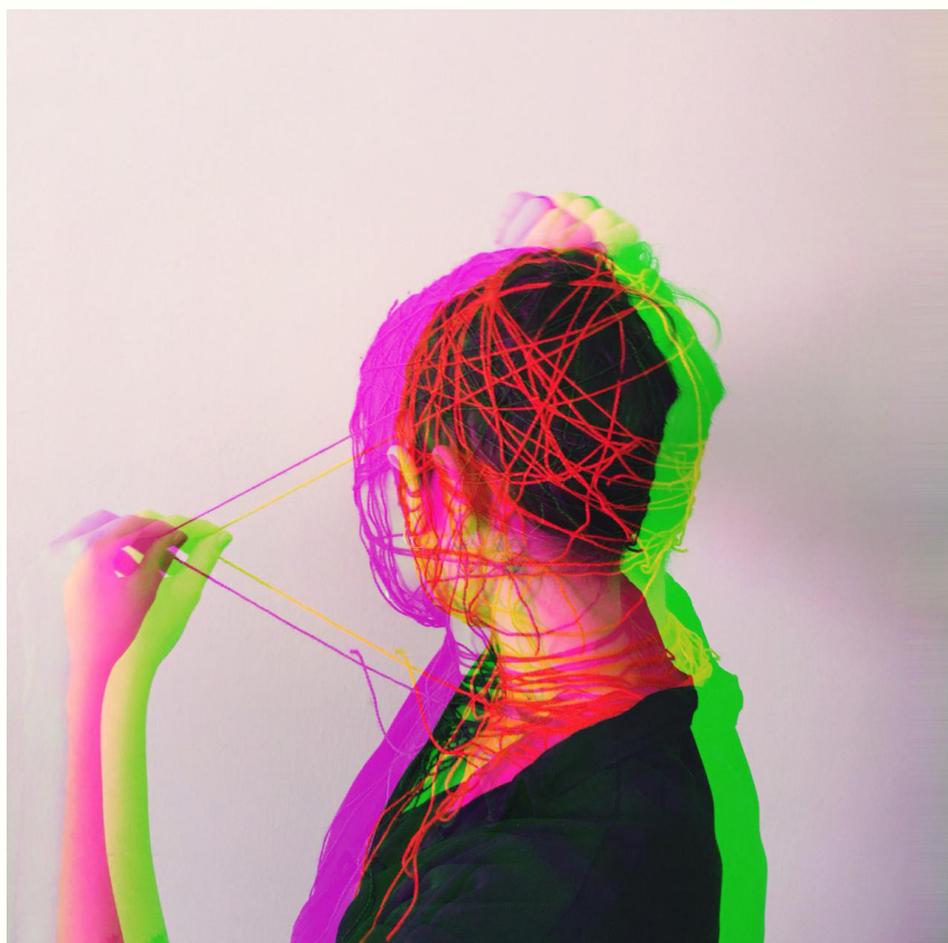


GRITO-POESIA: ENTRE AS LINHAS DO CORPO E DA ESCRITA

Larissa Moraes¹



Cartografias de si,
2020.

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Cria, atua, pesquisa, produz, junta filosofia com teatro e transborda na escrita, porque já não cabe mais em si.
Contato: lala.tetemoraes@gmail.com

eu gostaria de molhar as palavras
sim, molhar palavras
assim como me molho
no rio duas vezes
e já não sou a mesma
repito o procedimento
gostaria de molhar as palavras
molhar molhar molhar
até ficar diferente
gosto das palavras fluidas
curtas
e intensas
as que dançam
as que passam
as que pulsam
no desejo
do não-ser
gosto dos descompassos do tempo
e dos perigos das correntezas
porque de tanto engolir palavra seca
só me resta transbordar.

GRITO-POESIA é um projeto, um manifesto, uma escrita, um corpo que se faz entre linhas, muitas linhas. Ao caminhar, ao escrever, ao dançar, ao gritar. Toda escrita é um traçar de linhas pelo mundo. E somos feitas dessas linhas. Um emaranhado de tessituras que transbordam pelo corpo e pela escrita. Escrever é um ato revolucionário do corpo, que se tece pelas potências de criar novas realidades. O que pode o nosso corpo? Linhas, linhas a traçar, a tecer, a tramar... O corpo é esse excesso de fluxos, movimentos, desejos e forças, por isso transborda em arte, em escrita, em poesia. A vida é essa grande poesia que criamos e recriamos todos os dias. E aqui,

as linhas da poesia são um desejo de cartografar novas intensidades para o corpo e para a vida. Trata-se de um gesto-manifesto que grita uma nova ética-estética-política para o corpo. Um corpo por vir, a ser reabilitado por linhas de percepções e sensações outras. Um corpo que grita-poesia por passagem de novos encontros, afetos, alianças e novos mundos possíveis de se habitar. Esse é um grito de presença e se faz necessário por repensar e reinventar as linhas que traçamos com o nosso corpo-escrita e por fazer da poesia um espaço de experimentação.

pensar uma nova política
para o corpo
é também pensar
na escrita-líquida
escrita-rio
escritas estas
de palavras que se esvaem
de sentido fixo
queremos palavra-rio
palavras que não se molham
no mesmo sentido
duas vezes
e por que não gritar com os olhos?
e por que não pensar com os pés?
se é na poesia
que meus olhos
não só são olhos que veem
mas olhos que gritam
eu, por exemplo, grito poesia com os olhos
e também choro
choro palavras

as palavras que caem dos meus olhos
são poemas em estado de lágrima.

A escrita nasce do desejo de traçar novas realidades. Pensar-criar a poesia imanente, resistir como quem deseja o devir, a diferença, o afeto da potência, do corpo, corpo sem órgãos que faz rizoma, cartografa e afirma a vida. A filosofia faz aliança com a arte e questiona, transforma, transborda. Por que construímos e desejamos padrões, modelos, regras, códigos e discursos conservadores e fascistas que barram e fecham todas as potências dos nossos corpos e da vida? Por que caímos de amores pelo poder? Por que desejamos nossa própria repressão? Como tirar potência das coisas? Como nos potencializar? Como tecer bons encontros? Que pensamentos, ideias e práticas potencializam a vida? Pensar essas questões é um movimento de traçar linhas tanto no corpo como na escrita.

Retomemos a questão: o que pode um corpo? O corpo pode se reinventar e expandir seu território por desterritorialização. Experimentar novas intensidades, como assim pretende um corpo sem órgãos. Pode, inclusive, transbordar por excessos e jamais por faltas.

não sou um corpo que preenche faltas
para ser completa
o meu vazio é pleno
eu-estou-pleno vazio
por isso quando desejo
transbordo em criação
produção
potência
porque já não caibo em mim
crio porque sou cria de mim mesma
feita de encontros e afetos
estou num devir-rio que passa
que tece
que traça
linhas de fuga

de um território a outro
criando cartografias
possibilidades
afirmando potências e diferenças:
eis um corpo livre
potente
de si.

As linhas que esta escrita se refere são esses movimentos que fazemos dia a dia, ao correr na rua até o ônibus, ao caminhar de casa para o trabalho, do trabalho para a faculdade, da faculdade para a casa, da casa para o mestrado, do mestrado para o doutorado, linha de pesquisa, linha de ônibus, linha de carro, linha de produção, linha que coloca na agulha, linha ao dançar, ao dormir, ao correr, ao criar, ao ficar, ao passar... Por onde fugir? Por onde pensar? Que linhas traçamos no mundo? Que territórios estamos pisando? Que movimentos estamos fazendo? O que estamos desejando? O que viemos construindo com os nossos desejos? Nos potencializamos? Ou nos destruímos? As linhas que esta escrita se refere são as linhas de uma cartografia. Cartografar a si mesma, pelo simples desejo de fazer conexão com o mundo, rizoma com a vida.

GRITAR-POESIA é, portanto, um meio, nunca um começo ou um fim. Um meio, assim como em um rizoma, da escritapoética se transformar em um grande mapa, que se constrói por cartografias. Aqui será cartografado as tantas desterritorializações (im)possíveis que o corpo deve fazer para habitar novos territórios afetivos. Logo, não há respostas, métodos ou conclusões, há questões e possibilidades: como criar para si uma cartografia?

GRITAR-POESIA é criar uma linguagem intensiva, em devir, sem faltas, sem buracos a preencher, só rios a transbordar.

Gritar, porque o grito é poesia,
a poesia é manifesto
e manifesto gritando-poesia,
entre as linhas do corpo e da escrita,
a traçar, a tecer, a tramar,
a gritar novas poesias possíveis

e sensíveis
de um corpo,
povo, mundo porvir.